

16 de maio de 2001

Novamente, as atenções do grupo se voltam para o livro de Milner *A Obra Clara*, capítulo II: “O Doutrinal de Ciência”.

A apresentação do texto foi feita pela Dr. Sonia Coelho por meio de um resumo que buscou acompanhar a sucessão de teses apresentadas pelo autor na tentativa de explicitação dos pressupostos doutrinários lacanianos. As discussões suscitadas por essa leitura não puderam deixar de provocar questionamentos referentes à validade tanto da leitura que Milner faz da história da filosofia quanto do que supõe ser o doutrinal laciano.

Se no primeiro capítulo Milner definiu o universo daquilo que considerava a obra efetiva de Lacan, agora ele se dedica ao que descreve como o trabalho de explicitação das propriedades das proposições lacanianas. A primeira dessas proposições, apresentada no capítulo de Milner e discutida no seminário, refere-se à “equação dos sujeitos”, segundo a qual psicanálise e ciência operariam sobre um mesmo sujeito. Tratando-se aqui da ciência denominada moderna, cujo modelo de sujeito estaria delimitado pelo cogito cartesiano. Milner busca assimilar o sujeito laciano ao sujeito totalmente despojado de qualidades, cuja única certeza é o próprio pensamento. Seguindo as manobras de Milner empreendidas nessa tentativa, várias críticas ocuparam as discussões durante este encontro. Primeiramente, apontou-se para o erro de considerar o cogito cartesiano como um silogismo, para em seguida desdobrar o eu em dois, a fim de justificar a transformação do inconsciente em simulacro da consciência cartesiana e, por conseguinte, psicologizar o sujeito do conhecimento. Assim fazendo, a fim de afirmar a existência do inconsciente pela constatação do pensamento inconsciente, o Lacan apresentado por Milner reforçaria uma reflexão frouxa sobre os conceitos de pensamento e intenção em Freud, evitando uma discussão sobre o que seria um inconsciente sem qualidades.

Em um segundo momento foi discutida a tese de Milner de que o doutrinal de ciência desenvolvido por Lacan com suas hipóteses sobre o sujeito da ciência e a equação dos sujeitos seria apenas inicialmente historicizante. Se para nós a pressuposta dependência histórica de um certo modelo de ciência e de seu sujeito correlato para a existência da psicanálise não representou discrepâncias interpretativas agudas, já a interpretação proposta para o pensamento desenvolvido por Koyrè mereceu uma discussão crítica prolongada. Afirmando que o discurso periodizante de Lacan serviu apenas para enfraquecer um problema também historicamente determinado em Freud, que o teria levado a um cientificismo refém de uma ciência ideal, Milner acredita que o mais importante da teoria laciana se encontra na recusa da história e da sucessão em nome da simultaneidade postulada pela teoria do corte, afirmando a história como uma falácia contrária à teoria dos discursos. A possibilidade dessa leitura do pensamento de Koyrè, assim como a consistência da afirmação de que essa é a leitura que Lacan faz desse, não provocaram nas discussões do grupo senão uma postura cética.

Por último discutiu-se a proposta de Milner de depurar a leitura que o doutrinal laciano faria de Koyrè por meio da aplicação de um discriminante oriundo de um outro universo filosófico – o discriminante popperiano – a fim de expurgar os operadores historicizantes. Diante do espanto causado por tal aproximação, o grupo buscou compreender as intenções compatíveis com esse percurso. Para Milner, se a ciência moderna postulada por Popper é a ciência do refutável, e se tudo que é refutável é contingente, logo a psicanálise, que opera sobre o sujeito dessa mesma ciência, é uma psicanálise do contingente. A leitura que Milner desenvolve do pensamento laciano fazendo uso da noção de contingência pareceu-nos possuir qualidades para a compreensão do universo laciano. Contudo, tais valores não conseguiram nos provar a necessidade do uso de

Popper para reconstruir a leitura de Lacan de Kojève e Koyrè: a noção de contingência poderia ser reconsiderada no pensamento lacaniano sem que para tanto se chamasse para defendê-la um teórico da ciência que o próprio Milner reconhece como pouco provocador para Lacan. Por que então tomá-lo como evidentemente “necessário a Lacan”? Enfim, parece ser demasiadamente difícil encontrar no texto de Milner justificativas suficientemente claras para as aproximações buscadas com tanto empenho. E, se tais justificativas não pareceram claras, tanto mais se obscureceu a obra lacaniana.

Como uma das questões suscitadas pela discussão sobre o texto de Milner foi aquela referente ao caráter epistemológico do conceito de inconsciente em Freud decidiu-se estudar o texto *The Unconscious* de McIntyre, acreditando que uma leitura dirigida às particularidades do discurso freudiano sobre o inconsciente poderia auxiliar a julgar com mais clareza as proposições reconhecidas por Milner em Lacan.